

Psicologia

Neste laboratório estuda-se o contágio das emoções pelo suor

As nossas capacidades sociais únicas são sobretudo devidas à linguagem. Mas também às expressões faciais, às posturas, aos gestos e... aos cheiros. Há um laboratório em Lisboa onde o “contágio” das emoções através do suor humano e outros tipos de comunicação humana não verbal vão começar a ser esmiuçados

Ana Gerschenfeld

“E stamos a montar algo novo, algo que não existe em mais sítio nenhum no mundo”, diz-nos o psicólogo Gün Semin ao acolher-nos numa ampla sala branca, onde uma grande mesa e três ecrãs de computador ao fundo são os objectos mais visíveis – para além de um monte de roupa de algodão branco, com aspecto novo, numa bancada lateral.

Semin, 71 anos, nascido na Turquia, formado na Alemanha e no Reino Unido e até recentemente a

trabalhar na Universidade de Utrecht, na Holanda, é hoje o director do recém-instalado Laboratório de Psicologia (Centro de Investigação William James) do ISPA-Instituto Universitário, em Lisboa. E explica-nos que, pela primeira vez, vai ser possível estudar aqui o funcionamento da mente humana fazendo interagir várias pessoas em tempo real.

“A psicologia estuda o funcionamento humano analisando as respostas das pessoas individualmente e explicando os resultados em termos individuais”, dir-nos-á mais tarde. “Mas o funcionamento humano baseia-se substancialmente em conhecimentos e acções distribuídos e partilhados” por várias pessoas.

Como é que vão simular esta situação no laboratório? Através de dispositivos “muito simples” de se-

guimento do olhar (*eye-trackers*), diz-nos Semin, ele e a sua equipa vão poder monitorizar, em simultâneo, as respostas de vários voluntários a determinadas tarefas que surgirão nos ecrãs que vimos ao entrar, “analisando como essas pessoas procuram e identificam certas mudanças visuais”. Nas experiências, os participantes terão a oportunidade de interagir entre si em certas alturas.

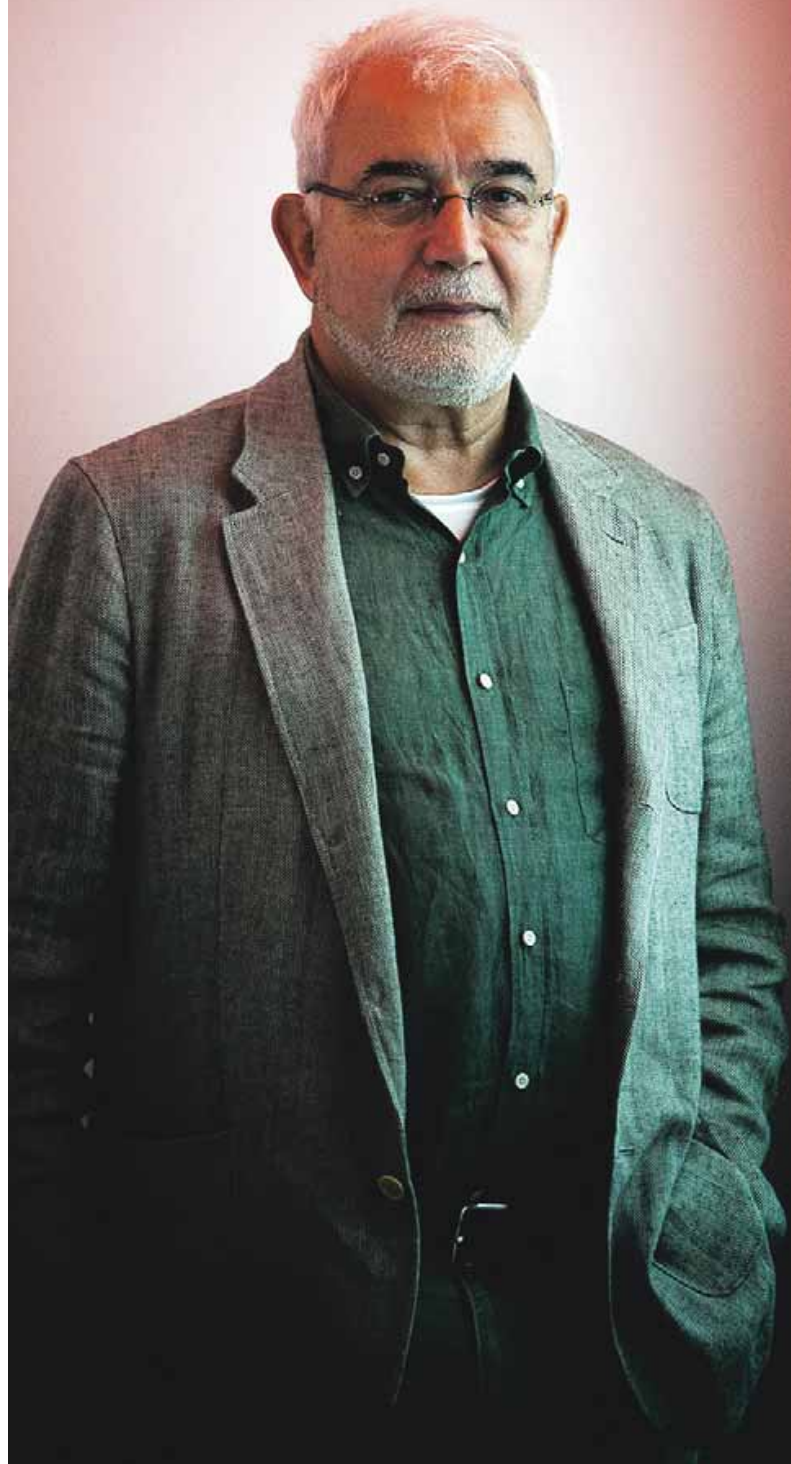
Uma das coisas que Semin quer saber é se os grupos de pessoas se adaptam colectivamente às mudanças em seu redor mais depressa ou mais lentamente do que uma pessoa sozinha. “Para sobreviver é preciso detectar que houve uma mudança e identificar essa mudança – e eu estou interessado em perceber os processos psicológicos envolvidos”, acrescenta.

Mas o tema que talvez mais interesse actualmente o cientista é a comunicação – e “contágio” – de afectos através dos cheiros. Mais precisamente, o estudo do contágio das emoções por via do suor corporal.

O suor da felicidade

Já em 2012, Semin e colegas da Universidade de Utrecht tinham mostrado que o suor emitido por uma pessoa que sente medo ou nojo parece produzir a mesma emoção nas pessoas que respiram esse suor. E mais recentemente, em Abril deste ano, um estudo liderado por Semin mostrou que o mesmo acontece quando uma pessoa é exposta ao suor de alguém que se sente feliz. “O suor da felicidade é um composto químico”, diz-nos Semin com um sorriso brincalhão. “Imagine se o conseguísse-





mos produzir.” Será que vem aí um perfume da felicidade?

Seja como for, salienta Semin, “a olfacção humana tem sido ignorada durante muito tempo – e agora, descobrimos que afinal não perdemos esse sentido”.

Esta é de facto a investigação que Semin e a sua equipa lisboeta tencionam aprofundar no futuro mais próximo – e todo o andar superior do laboratório lhe estará dedicado. Quando subimos, vemos uma série de portas que dão para pequenos cubículos individuais, cada um equipado com um computador e outros materiais necessários, onde as experiências com o suor irão decorrer. Já agora, o sistema que será utilizado para libertar os cheiros mesmo por baixo do nariz dos participantes, mantendo a sua cabeça no sítio certo, é em tudo igual àqueles suportes metálicos onde encostamos a testa e pousamos o queixo quando fazemos um exame oftalmológico.

Embora estas experiências ainda não estejam a decorrer, as fases preparativas da investigação já tiveram

Gün Semin e a sua equipa querem analisar a psicologia humana em condições experimentais inéditas, onde as respostas aos estímulos não são individuais mas colectivas

início há umas semanas. “Estiveram cá 48 pessoas a visionar excertos de vídeo e pedimos-lhes para nos dizer, a seguir a cada excerto, se tinham sentido raiva, tristeza medo ou alegria”, explica Semin.

Com base nos resultados, os cientistas escolheram uma série de vídeos mais assustadores, mais alegres e mais neutros (tipicamente, documentários da BBC). “Temos neste momento sequências de vídeo de meia hora que evocam respectivamente medo, felicidade ou nada em particular”, salienta Semin.

A fase seguinte do processo explica a presença do monte de roupa (na realidade, são *T-shirts*) que nos chamou a atenção no início da visita. Trata-se de recrutar um grupo de homens (os homens transpiram muito mais que as mulheres, diz Semin) e começar por submetê-los a uma dieta estrita durante os dois dias que antecedem a sua participação na experiência. “Nada de alho, de espargos, de comida indiana,

de sexo intenso, de cigarros”, diz Semin. “Temos de os ‘purificar’ primeiro.”

É nesta fase que é feita a colheita do suor, ao longo de três semanas, durante três sessões de meia hora que os homens passam a visionar os três tipos de excertos. Antes de cada sessão, os participantes vestem uma das prístinas *T-shirts* brancas, previamente equipadas de almofadinhas absorventes nas axilas. Aumenta-se um pouco a temperatura ambiente durante os visionamentos, para induzir maior transpiração – e no fim, cortam as almofadinhas em quatro e colocam-se vários pedaços provenientes de pessoas diferentes dentro de frasquinhos que irão ser devidamente preservados até à sua utilização final.

O nariz das mulheres

Na terceira e última fase da experiência, que segundo Semin deverá começar “daqui a três ou quatro meses”, um grupo de mulheres (as mulheres são muito mais sensíveis aos cheiros que os homens, explica) ocupará os cubículos, onde cada uma será exposta – sem saber o que é nem para quê – aos diversos cheiros conservados nos frascos. Os cientistas irão então registar, em tempo real e em várias condições experimentais, as expressões faciais das participantes (graças a eléctrodos colocados no seu rosto), bem como vários parâmetros fisiológicos de forma a analisar o efeito do suor no seu estado emocional.

“Há várias coisas que quero estudar em relação ao cheiro humano”, diz-nos Semin. “Uma delas é analisar as ‘assinaturas’ bioquímicas produzidas em diferentes condições emocionais, tais como o medo ou a alegria” – algo que a recolha do suor masculino poderá permitir fazer.

Um outro objectivo destas experiências, acrescenta, consistirá em “examinar o valor informativo dos cheiros da felicidade e do medo quando apresentados em conjunto com informações quase imperceptíveis de outro tipo – por exemplo, ao mesmo tempo que uma expressão facial de felicidade [que será visualizada no ecrã do computador]. O que quero saber é se o cheiro aguça ou não a nossa percepção da expressão de um rosto apresentado subliminarmente”, apesar de não ser possível ter consciência de ter visto essa expressão.

“A linguagem é a componente mais proeminente da comunicação humana, mas existem múltiplos sistemas que contribuem para o nosso ser social”, resume Semin. “E temos de perceber como essas diferentes modalidades [de comunicação] influenciam a nossa percepção do mundo.”